SERMAM DAS ALMAS

QUE PREGOU FERNANDO DE Castro de Mello, Deão da Real Capella do Ducado de Bergança,

NO MOSTEIRO DA ESPERANÇA de Villaviçosa.

PRINCIANDOSE A IRMANDADE das Almas no dito Convento em 7. de Setembro de 1648. annos.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA,

Na Officina de Paulo Craesbeeck, anno 1649.

PODese imprimir o Sermão incluso, que prègou o Deão Eernando de Castro de Mello no Mosteiro da Esperança de Villa Viçosa, & depois de impresso tornarâ ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Lisboa 17. de Dezembro de 1648.

Francisco Cardoso de Torneo. Pedro da Sylua de Faria.

POdese imprimir. Lisboa 8. Janeiro de 649.

O Bispo de Targa.

QVe se possa imprimir este Sermão, visto as licenças do Sancto Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà a esta mesa pera se taixar, & sem isso não correrà. Lisboa. 11. de Ianeiro de 649.

Ribeiro. *Coelho.*

POde correr este Sermão, por estar conforme cõ o original. Lisboa 19. de Ianeiro de 1649.

Fr. Ioão de Vasconcellos. Pedro da Syva de Faria
Fransisco Cardoso de Torneo. Diogo de Sousa.

Taixase este Sermão a doze reis, em Lisboa a 21. de Janeiro de 1649.

Coelho. *Ribeiro.*

Hæc eſt autem voluntas ejus, qui miſit me, Patris, ut omne, quod dedit mihi Pater, non perdam ex eo, ſed reſuſcitem eum in noviſſimo die. Ioannis. 6.

PRincipia hoje a devoção deſta caſa, a ſolemnidade, que promete fazer todos os annos: dãoſe hoje as mãos em reciproca, & verdadeira amizade as almas religioſas deſte Convento, & as almas ſanctas do Purgatorio: empenhãoſe as almas vivas deſte mundo, cõ as almas dos defunctos do outro prometem de hoje em diante ſeu favor, & amparo as Eſpoſas de Chriſto na terra, às que ſaindo das penas, ſe haõ de eſpoſar cõ o meſmo Chriſto na gloria. Eſta he a celebridade ǭ ſolemnizamos hoje, & neceſſario era, que o diſſeſſemos, porque o dia a não ſuppoem. O fim, & o intẽto de Chriſto Salvador noſſo no Evangelho preſente he querernos ſignificar, como todo o divino Ser, que goza lhe he communicado do eterno Pay, que o gera, & como todas as obras, que faz, ſaõ obediencias à võtade de Deos, que o manda; *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui miſit me, Patris*. Aquelle verbo [*miſit*] na occaſiaõ preſente, & outras ſemelhantes, conforme explicaõ os melhores interpretes, não ſignifica ſomente (mãdar) ſenão tãbẽ (gozar) Dõde o meſmo foi dizer] Chriſto: *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui miſit me Patris*. Eſta he a vontade daquelle Pay, que me mandou: Do que ſe diſſera: *Hæc eſt autẽ volũtas ejus, qui genuit me Patris*; Eſta he a vontade daquelle Pay, que me gerou.

Isto supposto, entra agora a difficuldade, que nos ha de fundar o Sermão. E pois que tẽ que ver a cõmunicaçaõ do Pay ao Filho, na natureza, & a obediencia do Filho ao Pay, nas obras, cõ a celebridade, que hoje temos nas maõs? A materia da celebridade presẽte, como ja disse, saõ oraçoẽs offerecidas o Deos por parte daquellas almas sãtas, pera que tirãdoas o Senhor das penas, que padecẽ, as leve a descãçar à gloria, que as espera: He hũa liberalidade, q̃ vzão as almas abrazadas em fogo de amor divino, pera cõ almas abrazadas em fogos de tormento. Que cõveniencia póde logo haver entre as obras da charidade humana, & entre as processoens da natureza divina? Que connexão entre as esmolas, que se fazẽ às almas, & entre a essencia, que se cõmunica ao Verbo? A primeira vista parece, que assàs encontrada temos a materia do Evãgelho, com a substancia da celebridade. Busquemoslhe cõ tudo as conveniencias, que lhas havemos de achar mui claras. E quãto ao que eu discurso: O fundamẽto, & razão, que a Igreja Catholica teve pera ajũtar o Evãgelho presẽte cõ a solemnidade do dia: foi querernos ensinar, que nos hajamos no dar das nossas esmolas, como o eterno Pay se ha na cõmunicaçaõ de sua essencia; que sejamos em fazer beneficios, como Deos he em o cõmunicar à natureza: Que nos hajamos cõ as almas do Purgatorio na liberalidade do dar: como Deos se ha com seu ûnigenito Filho na cõmunicação do ser. No discurso do Sermão me explicarei de todo: pera entrarmos nelle peçamos ao divino Spirito graça por intecessaõ da Senhora AVE MARIA.

Tres

Tres circunſtancias acho na cõmunicação da divina natureza do eterno Pay ao eterno Filho, q̃ ſaõ as tres propriedades, q̃ deſcubro, devem ter as obras de noſſa charidade, para ſerẽ cabalmente perfeitas. Primeira, q̃ para ſe cõmunicar a divina natureza do Pay ao Filho não eſpera tẽpo: ſenão, q̃ no meſmo principio ſem principio da eternidade, em q̃ o Pay teve o divino ſer improducto, o teve logo o Filho cõmunicado. Segunda, q̃ de tal módo ſe lhe cõmunica toda, q̃ não fica o Pay reſervando della nada, q̃ lhe não communique. Terceira, q̃ cõmunicandolhe o Pay ao Filho toda a divina Eſſencia, cõ todas as propriedades, & atributos, cõ tudo em retorno, & ſatisfação nam eſpera nada. Eſtas tres circunſtãcias, q̃ ſe achaõ na cõmunicação da divina Eſſencia, hão de ſer as tres propriedades, q̃ ſe deuẽ achar na charidade de noſſas eſmolas feitas ás almas do Purgatorio. Primeira, hão de ſer prõptas, & apreſſadas, ſem dependencia algũa de tẽpo. Segunda, hão de ſer liberaes, ſem reſervarmos para nòs nada daquillo, que lhe podermos offerecer, Terceira, hão de ſer deſintereſſadas, de modo, q̃ nos não fique eſperança algũa de retorno. Em hũa palavra: Promptas ſem dependencia: Liberaes ſem reſerva: Deſintereſſadas ſem eſperança.

E começando pella primeira propriedade: digo, q̃ hão de ſer prõptas as obras de noſſa charidade, ſẽ dependencia de tempo: porq̃ muitas vézes, os bõs propoſitos, que cõcebe o noſſo intendimẽto, & abraça noſſa vontade, ſe ſe detẽ, a meſma variedade, & inconſtãcia do tẽpo, os arruina, Quãtas obras ſanctas ſe não executarão,

cutarão, sò porque dilatarão. Quãtas vezes desbaratou pequeno descuido, o q̃ nos havia custado grãde cuidado. Assi que nas obras sanctas da charidade, o mesmo ha de ser imaginar, que executar, entre o querer, & o fazer, não se ha de achar meio algũ. S. Dionisio Areopagita disse delicadamẽte, que o verdadeiro liberal, hase de haver no dar, assi como se ha o Sol em o luzir: *Vt enim Sol noster, qui non cogitatione, aut volũtate, sed eo ipso, quod est, omnia illustra, &c.* Porq̃ assi como em o dar do Sol, nẽ precede imaginação ao luzir, nẽ võtade ao aquentar, senão, que no mesmo instãte, i que apparece no ceo, allumia a terra. Assi tãbẽ, pera q̃ o nosso dar seja perfeito, havemos de dar de maneira, que nẽ ainda deixemos passar diãte, ou a imiginação, ou a resolução de querer dar: & posto q̃ o resolver seja depois do imaginar, & o imaginar depois do ser, nẽ madruga a liberalidade, que cõsente naça primeiro o imaginar, nẽ carece de reprehensaõ o dar, que deixa passar diante o resolver: Hão de andar mãos dadas, o dar, & o ser: Ha de dar o liberal, não quãdo o imagina, que ja he tarde, nẽ depois que o resolve, q̃ não he sedo, ha de dar logo no primeiro instãte, que tiver ser, que assi dà o Sol. *Nõ cogitatione, aut volũtate, sed eo ipso, quod est, omnia illustrat.*

Lib. 4. de Divinis nominib.

Atè aqui disse S. Dionisio Areopagita; agora digo eu, que não sòmẽte he obrigação do verdadeiro liberal, dar sem dependencia de tẽpo, senão, que se a necessidade o pedir, ha de dar ainda antes de tẽpo, & ha de dar ainda depois do tẽpo: Não se ha de reger pello tempo o liberal, hase de conformar cõ a necessidade. Naquella jornada que Christo Salvador nosso fez de

Betha-

Bethania a Jerusalẽ, refere o Evãgelista S. Marcos, que em o caminho se achou o Senhor cõ fome: *Et alia die cũ exirent à Bethania, esurijt.* E encõtrãdo no cãpo hũa figueira chegouse o Senhor a ella, & porque buscãdolhe o fruito, lhe não achou mais que folhas, a amaldiçoou, & secou a figueira. Este castigo senão fora misterioso, parecera cruel, porque, se como notou o proprio Evãgelista, não era inda tempo de a figueira ter fruito. *Non erat tẽpus ficorũ*; para que lho hia o Senhor buscar? & se nesta o não achou, quãdo nas outras figueiras o não havia, porque castiga a esta sô como culpada? Se a castigou, parece que tinha ella obrigação de dar fruito, mas se por ser primavera não era ainda tempo de o ter, como podia ter obrigação de o dar? Notai senhores: Verdade he, que respeitãdo ao tẽpo da primavera, não tinha a figueira obrigação de ter fruito; mas pois o Senhor se chegava a ella a remediar sua fome, tinha ella obrigação, de ainda antes do tempo, lhe dar o seu fruito. Não devia o fruito ao tẽpo, porẽ deviao à necessidade, porque ainda *q̃* o tẽpo de primavera não pedia fruito, a fome de Christo pedia remedio; & para se remediar a necessidade, que se ve, não se ha de esperar pello tẽpo, que està por vir. Por isso he castigada cõ tãto rigor esta figueira; porque pera remediar necessidade presẽte, esperava tẽpo futuro. Provo [illegible] que he obrigação do liberal, pidindoo a necessidade, dar ainda depois do tẽpo. Depois *q̃* Christo [illegible] dor nosso espirou na Cruz, rasgoulhe hũ soldado [illegible] eiro cõ hũa lãça: *Vnus militum lancea latus ejus aperuit*; & testemunha o Evãgelista sagrado, que logo

Marc. cap. 11.

Ioan. 19.

em continẽte correo da ferida sangue, & agoa. *Et cõtinuò exivit sãguis, & aqua.* Deste precioso sãgue, & desta mysteriosa agoa, querẽ os Doutores todos, & ainda algũs dos sagrados Concilios, nacessẽ à Igreja Catholica os Sacramẽtos. *De latere Christi exierũt sacramẽta.* Agora notai o mysterio. O Corpo de Christo, depois de morto, nenhũa obrigaçaõ tinha de nos dar sangue; porque lhe era já passado o tẽpo: assi o ensina a Medicina mais certa. Mas porque o remedio de nossas culpas pedia aquella agoa, & aquelle sangue, deu o Senhor, não porque o tẽpo, em que elle estava o pedia senão porque a necessidade, em que nòs estavamos o requeria: deu como verdadeiro liberal, não respeitando o tẽpo, mas conformandose cõ a necessidade, porque a necessidade assi como não tem ley, assi tambẽ não tem tẽpo. Verdade he, que em todo o tẽpo se ha de dar, mas tãbem he certo, que nenhũ dar se ha de governar por tẽpo. E se em todos as obras da Charidade he certa esta doutrina, nas ꝗ se executão cõ as almas do Purgatorio, parece de todo ponto necessario, porque ali he a necessidade mais certa, o tormento mais notorio, a pena, & afflicção mais conhecida, & aonde as necessidades saõ maiores, ahi devem ser mais prõptos os remedios; antes tam prõpto deve ser o remedio, aonde he grãde a necessidade que primeiro se ha de prover o remedio, doque se veja a necessidade: ainda não ha de haver necessidade, & ja hade estar praticado o remedio.

Peccou Adam grosseiro, & sobre ingrato às merces, & beneficios, que de Deos tam liberalmẽte havia recebido: perdeo em hum instante a amizade de seu Cria-

Criador, a ſemelhãça de ſeu Deos, a graça, & fermoſura de ſua alma, a gentileza de ſeu corpo, a innocencia de ſua vida; perdeo tudo, por pouco mais de nada; por hũ bocado de hũa maçã partida, perdeo a felicidade de hũ paraiſo inteiro. Mas eu em o quemais reparo he, que o proprio foi peccar Adão, que dizer Deos: *Ecce Adã quaſi vnus ex nobis factus eſt.* Exaqui Adão, q̃ eſtà ſemelhãte a hũ de nòs. Antes de peccar Adão eſtava ſemelhãte a todo Deos, & a todas as tres divinas Peſſoas, a cuja imagẽ, & ſemelhança fora criado. *Faciemus hominẽ ad imaginẽ, & ſimilitudinẽ noſtrã:* porẽ tanto q̃ peccou Adão, perdeo toda a ſemelhança de Deos, & ficou ſomẽte cõ a ſemelhãça de homẽ. Se ficando cõ a ſemelhãça de homẽ, ainda aſſi ſe parecia com hũa das tres divinas Peſſoas, claro eſtà, que não ſe podia parecer, ſenão cõ a peſſoa do divino Verbo, porque o divino Verbo foi o que por ſalvar aos homens, tomou forma, & ſemelhãça de homẽ. *Habitu inventus, ut homo:* pois valhame Deos, ainda agora acaba de peccar Adam, ainda agora acaba de perder a ſemelhança de Deos, & já acha ao divino Verbo cõ ſemelhãça de homẽ? Sim; porque como a liberalidade de Deos ſeja infinita, não cõſentio, ſe conheceſſe diſtancia algũa de tẽpo, entre a neceſſidade, & remedio: ſeja o meſmo peccar Adã, que ter ja Deos previſto o remedio a ſua culpa: & por iſſo notai, q̃ aquella ſemelhãça de homẽ, não a tomou o divino Verbo de Adão, ſenão, que Adão foi o q̃ a tomou do divino Verbo não diſſe o divino Verbo, Eu eſtou ſemelhante a Adão, ſenão, Adão me eſtà ſemelhante a mim; para que viſſemos ſer ainda maior

Gen. 3.

ior

fora pressa no divino Verbo em remir, do q́ fora em Adão a diligencia no peccar: Não poderà dizer o mũdo, q́ vio primeiro a Adão peccando, do q́ visse ao divino Verbo remindo. Vista embora Adão o habito de sua penitencia, que o publique peccador, q́ jà achará ao divino Verbo vestido no habito de nossa humanidade, para o manifestar Redẽptor. *Adão, sicut vnus ex nobis factus est.* E ouvesse a segunda Pessoa no rimir, como a primeira pessoa se ha em o dar: a diligencia, q́ o Pay usa cõ o Filho na cõmunicação de sua essencia, usou o Filho cõ Adão no remedio de sua culpa: o Filho teve o Ser cõmunicado logo q́ o Pay o teve improducto, & Adão no mesmo instante, que se vio com a culpa, se achou logo com o remedio della *Ecce Adão sicut vnus ex nobis factus est.*

A esta primeira propriedade de serem prõptas sem dependencia de tẽpo as obras de nossa charidade, se ha de ajuntar a segũda de serẽ juntamẽte liberaes, sem reserva de cousa algũa. Hase de resolver o verdadeiro liberal a dar tudo o q́ puder offerecer, sem reservar nada para si. Mas acho hũ desar grãde nesta fineza, que cõ ser a maior, he a ultima: quẽ a fizer hũa vez, não a poderà repetir a segunda, porq́ quẽ de hũa vez der tudo, não lhe pòde ficar ja mais q́ dar. Mas bõ remedio: Imite o affecto da charidade humana, o q́ na instituição do divinissimo Sacramento obrou o affecto do amor divino. Christo Salvador nosso todo se nos dà na hostia, & todo se nos torna a dar no caliz, & debaixo de ambas as especies se nos dà tantas vezes todo, quantas os Sacerdotes da Ley da graça o offerecemos ao

Math. 24 Mar. 14. Luc. 22.

passa al fol. 225.

Paradiso. Depois pedio alivio a sua sede *sitio.* Depois deu as amorosas queixas a Deos, por parte de seu corpo: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Depois finalmẽte entregou o Spirito nas maõs do Eterno Pay: *Pater in manus tuas cõmendo spiritũ meũ.* Assim, que na Cruz a primeira lembrança, & o primeiro cuidado foi dos seus inimigos, despois se lẽbrou da Mãy, do Discipolo, do Ladrão, da sede, do Corpo, da Alma: porque como pregado na sua Cruz, gozava o Senhor da sua gloria; & na gloria seja de vida a primeira lembrança á quelles, por cujo meyo se alcança, sendo a crueldade dos inimigos a que pos ao Senhor na Cruz, obrigação era, que delles fizesse a primeira lembrança ao Eterno Pay: *Pater ignosce illis, nõ enim sciũt quid faciunt.*

Do mesmo modo, digo eu, procederàm tãbẽ as Almas santas do Purgatorio, as quaes postas diante da divina presença, como ja não necessitão de fovor, & valia para si, toda a gastaràm com aquellas suas devotissimas irmãs, cujas oraçoens, & suffragios forão a causa de com mais pressa chegarem ás felicidades da gloria, que possuem. Donde vem as Fundadoras da Confraria das Almas deste Religioso Convento, a interessar nesta sua devoção tres felicidade mui grandes, & são: que partindose deste pera o outro mundo, acharàm suas irmãs em tres lugares diffentes, que lhes seràm tres alivios mui consideraveis. Primeiramente, acharàm hũas no Purgatorio pera à companhia, acharàm outras no Ceo para á vida, deixaràm outras na terra para o suffragio. Nas do Purgatorio tem cer-

ſa a companhia nas penas, & he alivio: nas do Ceo tem ſegura a valia nos rogos, & he felicidade: nas da terra deixão certo o ſoccorro dos ſuffragios, & he ventura. Com as do Purgatorio ſe acompanhão, das do Ceo ſe valem, nas da terra eſperaõ, & juntandoſe as valias das do Ceo com os ſuffragios das da terra, faram, as que deſta vida partirem, eſcaſſos os meſes de ſeu tormento, limitados os dias de ſuas penas, contodas as horas de ſua eſperança: & paſſando do fogo purificadas ao Ceo, ſe acharaõ com goſtos ſem medida, com felicidades ſem termo, com glorias ſem limite, com eternidade ſem fim. *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens Pater, Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAUS DEO.

ao Eterno Pay no ſacrificio incruento do Altar. Pois Senhor, & não baſtava darvos todo em toda a hoſtia, & todo em qualquer parte della, ſenão, que ſegũda vez vos entregaes todo debaixo dos accidentes do vinho? Sim, ꝗ eſſa he a fineza de hũ amor liberal, eſſa he a liberalidade de hũ coração amãte, repetir a meſma dadiva, quando de novo não tẽ ja ꝗ offerecer. Não podia Deos excogitar maior beneficio, que darſenos todo ſacramentado; mas porque a liberalidade grande de ſeu Amor, achou ſer ainda pouca fineza darſenos todo hũa ſó vez debaixo dos accidentes do paõ, obrigao a que ſe nos dè a ſegũda vez todo, debaixo das eſpecies do vinho: porque jà ꝗ não podia fazer maior a dadiva no ſer, a accreſcentaſſe ao menos em a repetir. Mas notai, ꝗ eſta fineza ſe não acha de ordinario, ſenão em aquella liberalidade, ꝗ he naſcida de amor, & de affeição. Porꝗ aſsi como ſaõ diverſos os fins da liberalidade, aſsi tambẽ pòdẽ ſer differẽtes os principios: ou me póde fazer liberal a vaidade, ou a natureza, ou o ſangue, ou o empenho, ou a obrigação, ou finalmente o amor. Porém entre todas eſtas liberalidades, a mais firme, & mais ſegura he aquella, que naſce dos empenhos do amor, & ſe cria aos peitos da affeiçaõ.

Donde he de notar o bom juizo, & diſcurſo das noſſas almas do Purgatorio, as quais, havendo de buſcar remedio, & alivio a ſuas penas, nẽ o pedem aos pays, nem às mays, nem aos irmãos, nem aos parentes, ſenão ſòmente aos amigos. *Miſeremini mei, miſeremini mei ſaltẽ vos inimici mei, quia manus Domini tetigit me.*

 Pois

Pois pergunto; & porque pedẽ mais a misericordia aos amigos, que aos parentes? porq̃ solicitão o remedio mais daquelles, que lhe tem o amor por affecto, que daquelles, que lhe devem o beneficio por obrigação? Eu o direi: Porque desejão aquellas almas santas, que seja a liberalidade das esmolas, & dos suffragios, igual ao rigor das penas, & dos tormentos; & a esse respeito, mais esperaõ da affeição dos amigos, que da obrigação dos parentes: mais confiam da liberalidade dos conhecidos, que do conhecimento dos obrigados: mais fião das Irmandades de devoção, q́ das irmandades de sangue: mais querem hum irmão, & hũa irmãa devota, que hum irmão, ou hũa irmãa carnal: & a razão de tudo he: porque sempre he mais cabal a dadiva aonde intervem os affectos do amor, que o beneficio aonde somente se achaõ as abrigaçoens do sangue: ao proprio sogeito, q́ sendo pay lhe falta q́ dar ao filho, sendo amigo lhe sobeja q̃ offerecer ao outro amigo: & a razão he, porq́ quãdo offerece como amigo, he medianeiro o amor: quando dà como pay, he terceira a obrigação: & muito mais dà quem offerece por amor, que quẽ dà por obrigação.

O Patriarcha Isaac naõ tinha para dar mais que hũa sô bẽçaõ, esta lhe furtou Jacob cõ a industria que todos sabeis, aproveitandolhe mais o ser mimoso da mãy, que a Esau o ser favorecido do pay. Não podia levar em pasciencia, sendo mais velho Esau, que ficasse mais accrescentado Iacob, & fiado na affeição, que ja exprimentara em o pay, não perdia a esperança de lhe poder tirar a segunda benção. *Numquid unam*

Gen. 27.

unã tantũ benedictionẽ habes pater? Mihi quoque obsecro, ut benedica. Compadeceose o amor de pay da justa queixa do filho, & lançandolhe a segunda bẽção disse assi: *In rore cæli, & in pinguedine terræ desuper erit benedictio tua.* Lá do alto decerá sobre vòs filho meu hũa benção com toda a fartura do Ceo, & com toda a abundancia da terra. Donde notai, que mais deu Isaac nesta segunda benção a Esau por amoroso, do que tinha dado na primeira a Iacob por pay, porq̃ na primeira benção, que deu a Iacob, disse desta maneira: *Det tibi Deus de rore cæli, & de pinguedine terræ abundantiã frumẽti, & vini:* Devos Deos da fartura do Ceo, & da fertelidade da terra abundancia de pão, & vinho. De modo, que lhe estendeo somente a benção à abundancia do paõ, & do vinho: *Abundantiã frumenti, & vini.* A qual limitação não pos na segunda benção, que deu a Esau. E a razão he, porque na primeira benção, que deu a Iacob, interveyo a obrigação de pay: na segunda, que deu a Esau, interveyo o affecto da affeiçao. Interveyo na primeira a obrigação de pay; porque sendo Isaac pay daquelles dous filhos, tinha obrigação de deixar a hum delles aquella benção, a que estava vinculado o seu morgado; & interveyo na segũda o affecto da affeição, porq̃ não tendo Isaac para dar mais ;que hũa sò benção, o amor, que tinha a Esau lhe fez achar a segunda: de modo que a Iacob deu como pay obrigado, & a Esau deu como amigo affeiçoado: pois por isso quando na primeira benção de Jacobo se poem taixa, & medida certa: *Abundantiam frumenit, & vini.* Na segunda

nella esperaõ o maior bẽ, por isso nella padecem o maior mal, q̃ he a dilação desse bẽ: esperaõ ver a Deos, & padecẽ naõ ver a Deos: todo seu maior alivio he esperãça de ver a Deos, & todo seu maior tormento he a dilaçaõ de o ver. E se a dilação de hũa vista humana, onde de ordinario não ha nada divino, he muitas vezes a maior pena de hũa alma neste mũdo: a dilaçam de hũa vista divina, õde se não acha nada humano, porque naõ serà maior tormẽto de muitas almas no outro?

Dõde me venho a presuadir, que a ninguẽ cõ maior fundamẽto pertẽcia a devoçaõ das almas do Purgatorio; q̃ às Religiosas deste sãto, & illustre cõvento. Por que inda que nẽ todas as Religiosas da Esperãça sejaõ almas do Purgatorio, todas as almas do Purgatorio saõ freiras da Esperãça, porque todas vivẽ na Esperãça: & entre hũas, & outras almas achava eu, que não havia mais que esta pouca differẽça; q̃ hũas, vivẽdo no lugar da pena, sustẽtãose das esperanças da gloria: as outras morando na Esperança da terra, sò vivẽ das esperãças do Ceo: no põto em que deraõ a Deos a maõ de esposas nesta Esperança, logo deraõ de maõ a todas as outras esperanças.

Mas com ser tão preciosa cousa a esperança, sò em hũa cousa dizia eu naõ havia de haver esperãça, que he na liberalidade de nossas esmolas: & temos entrado no terceiro discurso do Sermão. Mas topamos logo no principio delle cõ esta instancia: Se nas esmolas, & suffragios, que se offerecẽ às almas do Purgatorio, naõ ha de haver esperãça, porque se principia hoje a Irmãdade das Almas na Esperãça? Respõdo, q̃ de tal modo

lhe

lhe dâ hoje principio a eſperãça, que o faz ſem nenhũa eſperãça. Verdade he, que eſtas tres Virtudes, Fè, Eſperança, & Charidade, de ordinario neſte mũdo ſe achaõ juntas; porẽ nas eſmolas, que ſe fizerẽ às Almas, poderà haver Fé com Charidade, mas não ha de haver Charidade cõ Eſperança. Seja muito embora a charidade das Religioſas da Eſperãça, porq aſsi ſerà perfeita; mas ſeja hũa charidade ſẽ eſperãça; porque aſſi ſerá perfeitiſſima. A liberalidade em muitas couſas ſymboliza cõ o amor; porque aſsi como he mais perfeito aquelle amor, que não ſolicita correſpõdencia; aſſi he mais nobre aquella liberalidade, que naõ eſpera ſatisfacaõ. Duas excellẽcias ha de ter a charidade de noſſas obras; hũa antes, & outra depois de feitas, antes de feitas não haõ de eſperar peticaõ; depois de feitas nam haõ de aguardar por paga: nẽ havemos eſperar, que nos peção, nem havemos aguardar, que nos paguẽ.

No dia do juizo univerſal ha de agradecer Chriſto Salvador noſſo a ſeus eſcolhidos quaeſquer eſmolas, que neſta vida fizeraõ aos pobres por ſeu Amor; mas adverti no teór das palavras, de que o Senhor ha de uzar, que a meu ver tẽ hũa novidade muito grande: *Amẽ dico vobis, quandiu feciſtis uni ex his fratribus meis minimis, mihi feciſtis.* Na verdade vos digo, que todas as eſmolas, que fizeſtes a hũ deſtes meus irmaõs mais pequeninos a mim mas fizeſtes. Pois pergunto, & as eſmolas, que ſe fizerẽ aos pobres maiores, não as ha o Senhor receber tãbẽ por ſuas? Claro eſtà que ſi. Como faz logo particular mẽçaõ ſô daquellas, que ſe fizerẽ aos ſeus pequeninos. *Uni ex his fratribus meis minimis,*

Mat. 25.

He

He a razaõ: porque ainda que todas as esmolas, que indistinctamẽte se fazẽ aos pobres todos pello amor de Deos. as receba no dia do Iuizo universal Christo Salvador nosso, como suas, cõ tudo farà particular menção das que fizeraõ aos innocẽtes, porque nesses achou o Senhor maior perfeiçaõ. Pois pergũto? E porque saõ mais perfeitas as esmolas, que se fazẽ aos pequeninos, do que as que se fazẽ aos maiores? Respõdo, porque os pequenos, os innocẽtes, nẽ sabẽ pedir, nem pódẽ agradecer: naõ sabem pedir, porque lhes falta o juizo para fazer a petiçaõ: naõ pòdem agradecer, porque lhes faltaõ as posses para recõpensar o beneficio. Isso he ser innocente; nem conhecer a necessidade propria, para lhe buscar o remedio; nem avaliar o beneficio alheyo, para lhe acudir com o agradecimento. Pois eis ahi a causa porque o Senhor se pagarà mais das nossas esmolas feitas aos seus innocentes; porque nellas, nẽ de sua parte pòde intervir petição, nem da nossa se podia esperar retorno: saõ mais desinteressadas, por isso as julga o Senhor por mais perfeitas, & por isso tambem dentre todas as outras escolhe estas mais particularmẽte para si. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.*

E se às esmolas que se fazem aos innocentes agradaõ tãto ao Senhor, que as toma todas para si: a mesma razaõ corre tambem, nas que fizermos às Almas do Purgatorio; porque o lugar aonde vivem, tambem as faz innocentes. A innocencia póde ter hũ destes dous principios. Quem naõ tem pena, nem gloria, & quem não merece, nem desmerece, he innocen-

nocente: & posto que pello primeiro principio não sejão as almas do Purgatorio innocentes, porq na realidade padecem os tormentos do fogo: cõ tudo pello segundo principio as podemos chamar innocentes, porque no lugar em q estaõ, nem merecem, nẽ desmerecẽ: não merecem, porque nas penas, que sofrẽ, satisfazem: não desmerecem, porque o proprio lugar da pena as izenta de toda a culpa. Mas entre hũa, & outra innocencia ha esta differença; que a innocencia neste mũdo nasce dos poucos annos de idade. A innocencia no outro, procede da propriedade do lugar, aonde se vive. A huns os faz innocentes os poucos annos, que tem: a outros os faz innocentes o lugar, em que assistem. Entre huns, & outros innocentes ainda ha hũa diversidade mui grande: porque aquelles, a quem a idade neste mundo faz innocentes, por isso não pòdem ser aggradecidos, porque lhes falta o prefeito uzo da razão: mas aquelles, aquem o lugar no outro mundo faz innocentes, porque livres da oppressaõ dos corpos, tem mais claro o juizo para o conhecimento do beneficio, por isso mesmo tẽ mais prõpta a vontade para o aggradecimento do suffragio; & vem a ser, q ahi mesmo onde fugiamos a satisfaçaõ de nossas esmolas, ahi mesmo achamos mais certo o aggradecimento dellas: quãto da nossa parte nos desejavamos mais desinteressados, tãto da outra nos achamos melhor correspondidos. Para fugirmos o aggradecimẽto, buscavamos a innocencia: & agora ja na mesma innocencia encõtramos mais prõpto o aggradecimẽto: porq se a innocencia da idade izenta de toda a satisfacção,

ain-

a innocencia do lugar obriga a maior correſpondẽcia.

Sempre reparei, em que naquella tenção, com que o diabo enganou noſſa mãy Eva, lhe não fez menção, mais que do ſaber do Filho. caloulhe o poder do Pay, & caloulhe o amor do divino Spirito. *Eritis ſicut Dij ſcientes bonũ, & malum:* Se comerdes o fruito da Arvore, que vos eſtà vedada (dizia o diabo a Eva) ſereis como Deos, que ſabe o bẽ, & o mal. Achava eu, q̃ para hũa molher igual tentação lhe podia ſer o deſejo de ſer ſabia, como o deſejo de ſer poderoſa: a excellencia de ſaber tudo, como a ambição de mandar tudo. Que razão haveria logo para o diabo a tentar ſomẽte cõ a ſciencia do Filho, & não com a omnipotencia do Pay: *Eritis ſicut Dij ſciẽtes?* Para melhor intelligẽcia da repoſta, ſupponho como Theologia certa, que poſto que os divinos attributos ſejão indiſtinctos da eſſencia, & por ahi cõmuns às tres divinas Peſſoas: cõ tudo por eſpecial razão ſe attribue a omnipotencia ao Pay, a Sabedoria ao Filho, o Amor ao Spirito Sancto. Supponho em ſegundo lugar, que poſto que na creação de Adão, & Eva aſſiſtirão todas as tres divinas Peſſoas; cõ tudo parece no modo de falar, que o maior cuidado, & a maior aſſiſtencia que nella ouve, foi da peſſoa do eterno Pay, & q̃ as outras duas divinas peſſoas vierão como chamadas, & convidadas: *Faciamus hominẽ ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram:* & ſobre tudo ſupponho como infallivel, que como as obras ad extra ſejão o ter do poder divino, & o poder ſe attribua mais particularmente ao Pay, como jà diſſemos, ſegueſe, que ſendo a criação de Eva obra ad

Gen. c.1. n. 26.

extra,

extra, ao Pay ſe havia de atribuir, & apropriar. Dõde ſe infere ao noſſo modo de entender, que ficava Eva em ſua criaçaõ mais obrigada à Peſſoa do Pay, que à do Filho, & que á do Spirito Sãcto Pois eis ahi cauſa, porque o diabo em ſua tentação retira o poder do Pay, & ſò lhe faz menção do ſaber do Filho: *Eritis ſicut Dij ſcientes*, porque como Eva eſtava ainda no eſtado, & lugar da innocencia, corrialhe tanta obrigação de aggradecida, que achou o diabo, que ſe naquella hora lhe trouxera â memoria a peſſoa do Eterno Pay lembrada Eva do que em ſua criação lhe devia, o não ouvera de offender, ſò por ſe lhe moſtrar aggradecida. Pois bõ remedio, diz o diabo, ſe Eva para offender a todas as tres divinas Peſſoas, baſta que offenda a hũa ſó, eu lhe farei menção daquella, a quẽ lhe parece que deve menos, & lhe calarei aquella, a quem eſtà perſuadida que deve mais: não lhe trarei à memoria a omnipotencia do Pay, farlhehei ſomente mẽção da Sabedoria do Filho: *Eritis ſicut Dij ſcientes*; que ſe Eva por innocente ſe ouvera de moſtrar aggradecida com a peſſoa do Pay, a quem devia mais; por molher ſe moſtrarà ingrata com a peſſoa do Filho, a quem deue menos.

E ſe por eſtar no eſtado da innocencia Eva tinha maior obrigaçaõ de ſer agradecida; a meſma corre tambem ás almas do Purgatorio, pois a propriedade do lugar onde vivem, as faz a todas innocentes. E aſsi quem duvida, que livres dos tormentos do fogo, por meyo dos affectos de voſſa piedade, a primeira couſa de que ſe lembrem, depois de ſe verem com Deos

na

na gloria, seja de rogar, & interceder por aquellas suas devotas irmaãs, que hoje com tanta devoção estão pedindo a Deos, as livre do rigor das penas, que as atormenta. Porque he certo que a primeira obrigação, que corre aos que se vem na gloria, he lembrarse daquelles, por cujo meyo a alcançarão. *Gloriã meam alteri non dabo:* a minha gloria, dizia Deos antigamente por Isaias, não a hei de dar a outrem. Tomadas as palavras como soão, & entendidas em sentido literal, não deixão de ter sua difficuldade: porque se Deos deseja tanto a salvação dos homens todos, como diz agora, que a nenhum delles ha de dar a gloria? *Gloriã meã alteri non dabo.* Os setenta Interpretes verterão muito a nosso intento desta maneira: *Crucem meam alteri non dabo*, a minha Cruz não a darei a outrem: donde claramente se infere, que a gloria de Christo era a sua Cruz, & que nella tinha o Senhor postos todos seus regalos, & todas as felicidades de sua gloria; & por isso o mesmo foi no monte Calvario subir o Senhor a sua Cruz, q̃ subir a sua gloria. Agora pergunto: & q̃ fez o Senhor tãto que se achou de posse da sua gloria, tãto que se vio arvorado na sua Cruz? A primeira cousa que fez, diz o Texto, foi pedir ao eterno Pay perdão pera aquelles, q̃ o crucificarão nella: *Pater dimitte illis, nõ enim sciũt quid faciũt.* De modo q̃ a primeira lẽbrãça, q̃ o Senhor teve na sua gloria foi daquelles, q̃ o crucificarão na Cruz. Depois entregou o discipulo à Mãy: *Mulier ecce filius tuus.* Depois entregou a Mãy ao discipulo: *Deinde dicit discipulo ecce Mater tua* Depois deu o Paraiso Ladrão: *Hodie mecum eris in*

Isai. c. 42. n. 8.

Para